

DESLIZAMENTOS DE SENTIDO EM DISCURSOS PRODUZIDOS SOBRE O SANGUE MENSTRUAL

Fernanda Pereira*
João Carlos Cattelan**

RESUMO: Em abril de 2015, Kiran Gandhi decidiu correr os 42 km da Maratona de Londres sem usar absorvente, como forma de protesto contra a opressão da mulher e para promover uma discussão sobre o assunto, visto que em, muitos países, temas relacionados à intimidade feminina ainda são considerados tabus. Neste trabalho, pretende-se utilizar a Análise do Discurso francesa (AD) para compreender como um ato de protesto, que visava à libertação da mulher, produziu efeitos de sentido contrários. Por meio da análise de comentários feitos por leitores sobre a matéria publicada na internet, pretende-se tornar visível a ideologia materializada nos discursos produzidos e propagados por estes sujeitos. A ideia de impureza do corpo feminino, presente em diferentes formações discursivas ao longo da história, sustenta esses discursos que se materializam em diferentes formas de hostilidade à mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Menstruação, Análise do Discurso, Efeitos de sentido.

ABSTRACT: In April 2015, Kiran Gandhi decided to run the 42 km of London's Marathon, without using a pad, in protest against the oppression of women and to promote a discussion on the subject, as in many countries, issues related to women's intimacy are still considered taboos. In this work, we intend to use the French Discourse Analysis (AD) to understand how an act of protest, which aimed at the liberation of women, provoked effects on the opposite direction. Through the analysis of comments from readers about the article published on the internet, describing the act of Kiran during the marathon, we intended to make visible the ideology interpellating these individuals, embodied in the produced and propagated speeches. The idea of female body impurity present in different discursive formations throughout history, maintains these speeches that materialize in different forms of hostility to women in our society.

KEYWORDS: Period, Discourse Analysis, Effects of meaning.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Cascavel, sob a orientação do Professor Dr. João Carlos Cattelan. E-mail: fpereir@gmail.com.

** Professor orientador do artigo. Docente do curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – no campus de Marechal Cândido Rondon (graduação) e de Cascavel (pós-graduação). E-mail: jcc.cattelan@gmail.com

Em abril de 2015, na noite anterior à maratona de Londres, Kiran Gandhi, uma das corredoras que participaria do evento, ficou menstruada. Um fato cotidiano para as mulheres, ao qual já estão habituadas e cujos efeitos conhecem bem. Ao refletir sobre o esforço de percorrer 42 km neste estado, e nas consequências de fazê-lo utilizando um absorvente (interno ou não), algumas mulheres, talvez, desistissem da empreitada, outras, terminariam a maratona com lesões devido ao atrito do absorvente com o corpo (algo semelhante ao que ocorre quando há atrito entre a roupa e os mamilos dos corredores). Kiran, no entanto, decidiu pelo contrário: correr livre sem usar um absorvente.



Imagem 1: Kiran Gandhi terminando a maratona de Londres.

Fonte: Disponível em: <http://www.cosmopolitan.com/health-fitness/q-and-a/a44392/free-bleeding-marathoner-kiran-gandhi/>.

A mancha de sangue que se formou na roupa da corredora provocou reações diversas nas pessoas que estavam assistindo ao evento, e se materializaram nos comentários dos leitores de sites (brasileiros e internacionais) que publicaram matérias sobre o protesto de Kiran. O evento ganhou destaque na mídia e a corredora, em entrevista à revista Cosmopolitan, explicou que aproveitou a situação para protestar contra a opressão da mulher e para promover uma discussão sobre o assunto, visto que, em muitos países, temas relacionados à intimidade feminina ainda são reprimidos e considerados tabus. Além disso, há regiões do mundo em que as mulheres não têm acesso a esses artigos de higiene e sofrem com o estigma de não poderem sair em público durante seus períodos menstruais. Contudo, o protesto de Kiran não foi recebido, ou entendido, como tal. O efeito de sentido provocado pelo ato da corredora gerou comentários agressivos de leitores, não só nos sites brasileiros, mas também em sites internacionais como o da revista Cosmopolitan, por exemplo.

Para a Análise do Discurso francesa, o efeito de sentido é a relação de possibilidade de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições) no interior de uma formação discursiva dada (PÊCHEUX, 1995). Ele se constitui dentro da matriz de sentidos, nas relações parafrásticas entre sequências discursivas. Esse fenômeno é denominado, portanto, efeito metafórico:

[...] é possível considerar sinonímias contextuais entre dois grupos de termos ou expressões que produzem o mesmo efeito de sentido em relação a um contexto dado. Chamaremos de *efeito metafórico* o fenômeno semântico produzido por

uma substituição contextual para lembrar que este “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y [...] (PÊCHEUX, 1995, p. 164).

O efeito metafórico (ou paráfrase) é um fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, provocando deslizamento de sentido. Por meio dele pode-se dizer a mesma coisa de formas distintas, não existindo alteração de sentido. Esse efeito, portanto, não significa mudança de sentido, mas sim um mesmo sentido cristalizado que se perpetua nos diferentes discursos produzidos.

Nas sequências discursivas extraídas de comentários de leitores nos sites Terra Mulher e Cosmopolitan.com sobre a atitude de Kiran, pode-se constatar este deslizamento de sentido:

Sequências Discursivas retiradas do site Terra Mulher:

- 1) “Semana que vem teremos um cagado, correndo afinal é da natureza humana. vai dar merda isso”;
- 2) “Que porca...não quer menstruar toma remédio...se fosse dor de barriga, ganhava a corrida né....kkkk”;
- 3) “Higiene não conta não né? tem que ser porca???!!! Afffff!!!”;
- 4) “Urinar também é natural. Já pensou se a moda pega?”;
- 5) “Imagina o fedor!!! Que protesto que nada!!! Ela inventou isso... que porca!!!”;
- 6) “Isso não é questão de protesto, é de higiene ofensa aos demais!”;

Sequências Discursivas retiradas do site Cosmopolitan¹:

¹ 1) “É nojento”
2) “Risco biológico”
3) “Esta coisa de mulheres está ficando cada vez mais desagradável. Uma mulher sangra durante uma maratona e é considerada uma heroína. Aposto que se um homem ejaculasse durante uma maratona ele seria preso”
4) “Talvez nos próximos anos ela vai estar correndo para apoiar pessoas com incontinência.”
5) “Absolutamente nojento.”
6) “Então ... a expulsão de fluidos corporais é agora permitida durante maratonas ? isso significa que como homens, podemos cagar e mijar em nós mesmos e devemos ganhar um grande reconhecimento por

- 1) *"It is gross";*
- 2) *"Biohazard";*
- 3) *"This women stuff is getting nastier and nastier. A woman bleeds during a marathon and is considered a hero. I bet if a man ejaculated during a marathon he would be arrested";*
- 4) *"Maybe in future years she'll be running to support incontinent people";*
- 5) *"Absolutely disgusting";*
- 6) *"So... the expulsion of bodily fluids is now allowed during marathons? that means as MEN we can crap and pee ourselves and we should get a great recognition for that? I wonder how many MEN would be rewarded if we decided to crap ourselves in public during a marathon".*

Por meio do efeito metafórico chegamos ao efeito de sentido cristalizado na formação discursiva dominante desses sujeitos: a mulher é suja, é impura. Os discursos produzidos comparam a menstruação à urina, a fezes, a algo perigoso (*Biohazard*) e nojento (*nastier and nastier*), a mulher é suja (porca, nojenta, *gross*, *extra gross*). Esse efeito de sentido da mulher impura está presente na formação discursiva Judaico-Cristã a partir do século VI a.C².

Segundo Pêcheux e Gadet (2012), uma formação discursiva é:

Chamaremos então formação discursiva aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada determinada pelo histórico da luta de classes, determina "o que pode e deve ser dito [...]" (PÊCHEUX; GADET, 2012, p.308).

Portanto, os efeitos de sentido concebíveis dentro da formação discursiva Judaico-Cristã, como resultado do protesto de Kiran, só podem ser os que colocam a menstruação como algo sujo, como algo que tem que

isso? Eu me pergunto quantos homens seriam recompensados se nós decidíssemos nos cagar em público durante uma maratona.

² Segundo Feldman (2006) essa mudança ocorre a partir do período conhecido como Segundo Período que começa com o Exílio Babilônico e com a construção do 2º Templo, por volta de 589 a.C.

ser escondido, como um castigo divino, como algo de que não se pode falar. No entanto, estudos antropológicos afirmam que nos períodos pré-históricos, Deus era representado pela figura de uma mulher, materializado no que se chamou de a Grande Mãe (a Mãe Terra, Gaia, Pachamama, Vênus do Paleolítico). Segundo Durães (2009), os mistérios que cercavam o corpo da mulher davam a ela um caráter mágico, a origem da vida com calendários de tempo marcados pelo próprio corpo. O sangue era o símbolo da fertilidade e o homem ignorava o fato de também ser parte do processo de criação. Segundo a autora, quando o homem se dá conta de que ele também participava do ato de gerar uma nova vida, e quando a força física se torna essencial para a sobrevivência (com as atividades de caça, por exemplo), as mulheres perdem o lugar central que possuíam e inicia-se, portanto, a dominação.

Pode-se notar aí em que momento da história da humanidade a Bíblia foi escrita. Nota-se também que, lenta e gradativamente a mulher foi sendo marginalizada até chegar o ponto em que a imagem de Deus é de um ser masculino e onipotente (DURÃES, 2009, p. 134).

A autora afirma que essa desigualdade entre homens e mulheres, materializada nos textos das escrituras sagradas das sociedades pastoris, nada mais é do que uma externalização inconsciente do desejo do homem de gerar a vida. Dessa forma, a narrativa da criação da mulher, a partir da costela de Adão, coloca o homem como origem da criação. Porém, como ocorreu esse processo de inversão do papel da mulher, de divindade, de fonte de fertilidade e de origem da vida, para um ser impuro e responsável

pelos pecados do mundo e pela morte da raça humana, simbolizado pelo elemento sangue?

Há todo um processo de inversão de valores... Na primeira etapa a mulher é divinizada e cultuada como geradora da vida e seu sangue era considerado fértil para a terra enquanto que no relato bíblico, a mulher levou o homem a pecar e como “castigo” irá parir e o seu sangue é visto como impuro, ou seja, parir deixa de ser um ato sagrado para significar sinal de inferioridade. Aquilo que antes lhe dava grandeza agora a faz impura e inferior (DURÃES, 2009, p. 134).

Para a Análise do Discurso francesa, o processo de surgimento de um novo discurso está sempre na sua relação com outro discurso já dito, ou seja, o interdiscurso. Segundo Pêcheux e Gadet (2012):

[...] o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (PÊCHEUX; GADET, 2012, p.158).

Por meio da metáfora, elementos de uma formação discursiva são deslocados para dentro de outra (curto-circuito metafórico) e são ressignificados. Cada vez que uma palavra é deslocada, ela tem que ser explicada, discursivizada, e essa explicação do novo sentido ocorre por meio da metonímia³. Na passagem do discurso do período paleolítico para o judaico-cristão, o elemento sangue é tomado da formação discursiva pré-histórica e ressignificado na formação discursiva da sociedade pastoril judaica. O processo de metonimização é feito por meio das escrituras sagradas, dos mitos, das proibições bíblicas, que vão, então, explicar os novos efeitos de sentido para mulher, para sangue e para impureza. Por

³ Notas de aula da disciplina Teoria do Discurso: a linha francesa, ministrada pelo professor Dr. João Carlos Cattelan – UNIOESTE/Cascavel.

meio da narrativa do mito do pecado original, “a mulher se torna, assim, responsável por suas próprias dores, pelo sofrimento de toda a humanidade e pela morte do gênero humano. A mulher passará então, a ter o significado de mal, tentação, pecado, objeto impuro e perdição” (LIMA, 2010, p.3). Segundo a autora, o interdiscurso resultante do contato do povo Hebreu com a civilização Helênica colabora com a segregação e com a exclusão da mulher dos espaços públicos. Na sociedade greco-romana a mulher era tida como objeto, algo que pertencia ao homem responsável por educá-la e por vigiá-la. A função da esposa era dar descendência legítima (garantia da linhagem do homem, da herança, da propriedade) e, para assegurar essa legitimidade, era necessário mantê-la submissa e fiel. Essa ideia se manifesta na forma do pré-construído na formação discursiva judaico-cristã, se materializando na relação da sociedade hebraica com o sangue. Surgem, então, discursos que justificam práticas de cerceamento da circulação da mulher nos espaços públicos. Um exemplo disso é a proibição judaica contida na bíblia:

Se uma mulher menstruar, ficará impura até sete dias após o término do fluxo, sendo que tudo o que ela tocar ficará impuro até a tarde. Se alguém tentar tocá-la ou tocar em um móvel deixado impuro por ela, ficará impuro até a tarde. Quem se juntar a ela durante este período ficará impuro por sete dias (FELDMAN, 2006, p. 260).

Devido a esse discurso, proibiu-se a presença de mulheres nas sinagogas durante seu período menstrual e limitou-se, inclusive, o lugar onde poderiam ficar fisicamente dentro do templo, a fim de garantir que, mesmo infringindo essa regra, o lugar não ficaria impuro.

A partir dessa concepção inicia-se a lenta construção de uma visão da impureza

ritual das mulheres: a menstruação seria uma situação definida como de impureza. O sangue expelido contém um óvulo que não foi utilizado. Poderia ser uma vida, mas, como não foi fecundado, torna-se um símbolo da morte. A mulher, durante a menstruação, está impura (FELDMAN, 2006, p. 261).

Compondo a mesma matriz de sentido estão mitos e pré-conceitos que continuamos a ouvir e a repetir em nossos discursos cotidianos. Alguns exemplos, segundo Lima (2010):

“Não se deve cortar cabelo com mulher menstruada, pois estraga o cabelo”.
“Mulher menstruada não deve plantar nada, pois a planta morre”. Nestas frases, utilizadas corriqueiramente ainda no século XXI, reedita-se o mito da mulher impura que remonta as leis judaicas (LIMA, 2010, p.8).

De fato, a concepção do sangue menstrual como algo impuro permanece na memória e também é evocada na forma do não dito, do silenciado. Segundo Read (2008), na Inglaterra medieval, os escritos médicos sobre menstruação eram feitos em latim, reforçando a ideia de que esse tópico não era aberto à discussão explícita. Além disso, a bíblia Genovesa adotada na época, fazia uso de comparações frequentes entre os pedaços de tecido utilizados pelas mulheres como absorventes (*menstrual cloths* ou *menstrual rags*) e atitudes pecaminosas, vergonhosas, as quais deveriam ser descartadas:

*And ye shall pollute covering of the images of silver, and the riche ornament of thine images of golde, & cast them away as a menstruous cloth, and thou shalt say unto it, Get thee hence. (Ye shall cast away your idols, which you have made of golde and silver with all that belongeth unto them, as the moste filthy thing and polluted.)*⁴ (READ, 2008, p. 14).

O resultado desses discursos é o silenciamento do tema e as inúmeras metáforas que utilizamos, ainda hoje, para nos referirmos ao assunto.

⁴ “Lançareis fora os ídolos que fizestes de prata, ouro e tudo o que pertencer a eles, como se faz com o pano mais imundo” – Tradução da transcrição da autora. (READ, 2008, p.14).

Apesar de a menstruação ser uma experiência comum a todas as mulheres, o tema continua sendo fechado a discussões. No caso da corredora Kiran Gandhi, em nenhum momento os comentários de leitores demonstraram preocupação com os efeitos de correr uma maratona utilizando absorventes internos, por exemplo. Segundo Bobel (2006), entre as décadas de 70 e 80, o uso excessivo desses absorventes e a utilização de materiais sintéticos ultra-absorventes em sua produção resultaram na crise causada pela Síndrome do Choque Tóxico (*The Toxic Shock Syndrome Crisis*). A doença, causada pelo acúmulo de toxinas produzidas por bactérias, atingiu milhares de mulheres causando, inclusive, dezenas de mortes nos Estados Unidos e no Canadá.

O silenciamento do tema produz efeitos sobre o comportamento da mulher. Evita-se falar sobre o assunto, portanto, não é permitido demonstrar fisicamente os efeitos que o período menstrual causa no corpo feminino. Segundo Kiran Gandhi, o fato de ninguém falar sobre o assunto faz com que a mulher se sinta com um elo fraco, como a única que sofre as dores e os efeitos da menstruação: “*Because everybody else is going through it and doesn't seem to be talking about it and seems to be doing fine, you think that you're the weak link. You just kind of suck it up. But that's the pain that I feel*”⁵.

Em um vídeo da Disney, *The Story of Menstruation*, produzido em 1946 para aulas de Educação para a Saúde nas escolas públicas americanas, recomenda-se às meninas que, durante o período menstrual, não sintam pena de si mesmas, que mantenham a postura ereta, o sorriso constante, um

⁵ Como todo mundo está passando por isso e não está falando sobre o assunto, e parece estar tudo bem, você acha que você é o elo fraco. Você tem que aguentar calada. Mas, esta é a dor que eu sinto.

temperamento equilibrado e dócil, e que não se deixem abater ou transparecer o desconforto ou as dores que possam sentir durante esses dias, afinal de contas: “*no matter how you feel, you have to live with people*”⁶.



Imagem 2: Imagens retiradas do vídeo *The Story of Menstruation*
Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eLhld_PI2zg

O vídeo termina mostrando o “*Nature’s eternal plan for passing on the gift of life*”⁷ mostrando uma sequência de imagens em que a imagem de uma menina aparece desde o nascimento, a infância, a adolescência e o casamento, finalizando, portanto, com a imagem de uma mãe cuidando de um bebê. Dessa forma, o vídeo sela o destino da mulher ao seu papel reprodutivo: nasce, cresce, se casa, reproduz e morre. A morte aparece no vídeo como o não dito, e a menstruação seria algo natural, parte do ciclo da vida, símbolo desse papel social “natural” da mulher.

⁶ Não importa como você se sente, você tem que conviver com pessoas.

⁷ Plano eterno da natureza para passar adiante o presente da vida.



Imagem 3: Imagens retiradas do vídeo *The Story of Menstruation*
Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eLhld_P12zg

Apesar desse vídeo da Disney pertencer a um contexto de 70 anos atrás, em relação a esse assunto, pouco mudou. Em março de 2015, a rede social *Instagram* banuiu fotos da poetisa e estudante da Universidade de *Waterloo*, no Canadá, Rupi Kaur, alegando que as imagens violavam as diretrizes do site. As fotos foram produzidas pela estudante para um trabalho sobre retórica visual, com o objetivo de colocar em discussão o tema da menstruação:



Imagem 4: Foto postada no Instagram no perfil de Rupi Kaur
Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/0ovWwJHA6f/>

Rupi repostou a foto e escreveu uma resposta à rede social dizendo que a reação do site foi exatamente o que o seu trabalho estava tentando criticar. A ideia do sangue menstrual como algo impuro e sujo permanece:

A noção de poluição ou de impureza está ligada àquilo que foge à capacidade humana de classificar, causando inquietação e incerteza. Os tabus menstruais e prescrições de separação relativos à mulher menstruada podem ser considerados exemplos clássicos de aplicação desse princípio. Seguindo esse raciocínio, a mulher menstruada é um sujeito liminar, portanto impuro. Subjacente a ele encontra-se o pressuposto de que apenas o corpo masculino é inteiro, completo, portanto, não ambíguo (CORDOVIL, 2015, p.435).

A mulher, dentro da formação discursiva com a qual a rede social se identifica, é aquela descrita pelos mitos religiosos como impura e suja. O sangue menstrual é considerado perigoso, apresentando risco biológico (*unsanitary*⁸). Nesse mesmo sentido, os comentários sobre o vazamento menstrual de Kiran, durante a maratona, expostos nos sites analisados, continuam reproduzindo o discurso medieval e religioso sobre a mulher. Dessa construção discursiva de impureza deriva, ainda, a excessiva preocupação com a higiene da região genital feminina, espaço que detém um mercado que é fortemente explorado pela indústria de cosméticos e de produtos de higiene pessoal.

Apesar dos comentários negativos gerados pela experiência de *free bleeding*⁹, Kiran relatou à Cosmopolitan.com que se sentiu empoderada durante a experiência: “*Once I started bleeding, I felt kind of like, Yeah! Fuck you! I felt very empowered by that. I did.*”¹⁰. O ato simbólico a reconectou com a formação discursiva do período paleolítico, em que o

⁸ Conforme descrito por Read (2008). Dessa concepção se originaria uma das palavras para designar absorvente na Língua Inglesa, *sanitary napkin*.

⁹ Sangramento livre.

¹⁰ “Assim que comecei a sangrar, eu me senti como, Sim! Que se danem vocês! Me senti muito empoderada por isto. Eu me senti sim.”

sangue menstrual simbolizava algo criador, símbolo da feminilidade e da Grande Mãe, conseqüentemente não se identificando com o conceito judaico-cristão de feminino. Cordovil (2015), em seu trabalho sobre o poder feminino nas práticas da Wicca¹¹, relata esse processo de empoderamento das participantes dos Círculos de Mulheres, por meio do resgate de valores femininos (como o cuidado e a solidariedade entre pares, os trabalhos manuais e os relatos de experiências) e da inversão de símbolos de gênero consagrados pela cultura patriarcal. Segundo a autora, a menstruação possui um papel central nas discussões dos encontros, significando o máximo do feminino. As participantes relatam suas experiências e sensações durante os períodos menstruais e, a partir desse ponto, discorrem sobre aspectos de sua sexualidade, família, relação com filhos e com a maternidade, trabalho, conflitos interpessoais, entre outros. Ao promover esse resgate do universo feminino, o Círculo realiza uma inversão dos valores patriarcais, utilizando-se dos mesmos símbolos mobilizados pelo patriarcado para a dominação da mulher.

Essa prática de empoderamento feminino também está presente em imagens de protesto do grupo feminista FEMEN. Em 2013, o grupo que luta contra a sociedade patriarcal em suas três formas (religiões, ditaduras e exploração comercial do corpo da mulher) realizou um protesto chamado *Vagina Dentata*¹². O protesto¹³ foi dirigido à Embaixada Egípcia em Berlin

¹¹ Religião que surge na Inglaterra nos anos 50. Cultua o aspecto feminino da divindade que se manifesta, entre outras coisas, nos chamados mistérios femininos, como a menarca, a gravidez e a menopausa. A mulher é considerada fonte primordial da criação, uma vez que tudo emana dela, inclusive a divindade masculina, que é seu filho e consorte (CORDOVIL, 2015).

¹² [...] *la vagina dentata, un tema mitológico que se repite en múltiples formas a lo largo del continente americano, y que también se encuentra muy extendido en el área circumpacífica (Berezkin, s.f.). Esencialmente, los mitos expresan la creencia en mujeres terribles con dientes en la vagina, las cuales*

contra a onda de estupros em massa na praça Tahrir, durante as manifestações da Primavera Árabe.



Imagem 5: Protesto do grupo FEMEN em Berlin
Fonte: Disponível em: <http://goo.gl/gkPaMM>

As manifestantes pediam ao mundo que não considerasse os eventos no Egito como revolução social, até que a violência contra a mulher nesse país fosse exterminada. Com manchas de sangue pelo corpo e com desenhos simulando uma vagina com dentes em suas calcinhas, as

devoran el miembro genital de los hombres que intentan copular con ellas y, según algunas versiones, los matan. (CHINCHILLA MAZARIEGOS, 2010, p.129).

¹³ Ativistas do FEMEN mostraram uma vagina com dentes para o Embaixador do Egito. Lideradas pela ativista dissidente egípcia do FEMEN Alia El Mahdi sextremistas acusaram as novas autoridades egípcias dos estupros de mulheres recorrentes e fizeram um chamado aos egípcios para resistirem a tiranos cruéis. Regimes e presidentes estão mudando, mas as atitudes selvagens islâmicas com relação às mulheres são eternas.

manifestantes se empoderam por meio do mito da fêmea castradora, o que as possibilitou produzir sequências discursivas como:

“Nós mordemos de volta!” (*We bite back!*)

“A primavera das mulheres está chegando” (*Women Spring is Coming*)

“Você tem que lutar pelo direito de lutar” (*You got to fight for the right to fight*)

“Serão milhões de nós” (*There will be millions of us*)

A imagem de uma revolução movida por milhões de mulheres que lutam para ter seu direito de lutar “castrando” (apagando) os efeitos dessa formação discursiva que inferioriza a mulher é bastante forte e libertadora. O efeito de sentido produzido por meio da imagem e das sequências discursivas presentes nela é: “Estamos lutando por nossa liberdade!”.

Kiran Gandhi foi uma dessas milhões de mulheres quando decidiu lutar pelo seu direito de correr livre. Ela infringiu regras, discursivamente construídas ao longo dos anos, para o controle, o cerceamento e o silenciamento do corpo feminino. Em sua entrevista à *Cosmopolitan.com*, Kiran descreve a sua visão da sociedade:

*I have this vision that if men had their period, because we are in a male-privileging society, that rules would be written into the workplace, rules would be written into the social fabric that enable men to take a moment when they need to or enable people to talk about their periods openly. We would make it OK. But it is oppressive to make someone not talk about their own body. It's intelligently oppressive to not have language to talk about it and call it out and engage with it. I really can't think of anything that's the equivalent for men, and for this reason, I believe it's a sexist situation*¹⁴.

¹⁴ Eu tenho uma visão que se os homens menstruassem, pelo fato de estarmos em uma sociedade que privilegia o masculino, as regras estariam inscritas nos ambientes de trabalho, na sociedade, permitindo aos homens que tivessem um momento quando eles precisassem ou permitiria que as pessoas falassem sobre seus períodos abertamente. Faríamos isso sem problema. Mas é opressivo fazer alguém não falar sobre seu próprio corpo. É inteligentemente opressivo não ter uma linguagem para conversar sobre isso, trazê-lo a tona e envolver-se no assunto. Realmente não consigo pensar em nada que seja o equivalente para os homens, e por esta razão, eu acredito que esta é uma situação sexista

Todos somos sujeitos dessa sociedade que privilegia o masculino. Homens ou Mulheres, nascemos, crescemos, somos inseridos na linguagem por essa sociedade e, conseqüentemente, reproduzimos os discursos que a compõem, repetindo, propagando efeitos de sentido cristalizados na memória discursiva. Segundo Pêcheux (1995):

Isso equivale afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são interpelados em “sujeitos-falantes” (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam na “linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes (PÊCHEUX, 1995, p.161).

Como indivíduos (assujeitados) interpelados em sujeitos, dentro dessa formação discursiva carregada de elementos do pensamento judaico-cristão, não é permitido que se produzam efeitos de sentidos distintos. Isso explica, portanto, porque sequências discursivas que reproduzem o discurso da mulher impura, suja, culpada pelo mal da humanidade, foram produzidas não só por homens, mas também por mulheres leitoras dos sites Terra Mulher e Cosmopolitan.com. O deslizamento de sentido propaga a ideia do sangue, e conseqüentemente da mulher, como algo impuro, sujo, materializando-a nos discursos produzidos pelos sujeitos leitores.

REFERÊNCIAS

BOBEL, Chis. “Our Revolution Has Style”: Contemporary Menstrual Product Activists “Doing Feminism” in the Third Wave. **Sex Roles**. A Journal of Research. March 2006, Vol. 54, [Issue 5](#), p. 331-345. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs11199-006-9001-7>. Acesso em: 24 jun. 2016.

CHINCHILLA MAZARIEGOS, Oswaldo. La vagina dentada: una interpretación de la Estela 25 de Izapa y las guacamayas del juego de pelota de Copán. **Estud. cult. maya** [online]. 2010, vol.36, pp. 117-144.

Disponível em: < <http://www.scielo.org.mx/pdf/ecm/v36/v36a5.pdf>. >

Acesso em: 24 jun. 2016.

CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. **Revista de Estudos Feministas**, vol.23 n°2 Florianópolis May/Aug., 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/38866>

Acesso em: 24 jun. 2016.

DURÃES, Jaqueline. Mulher Sociedade e Religião. SANCHES, M. A. (Org.). Congresso de Teologia da PUCPR, v. 9., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Champagnat, 2009. Disponível em:

<www2.pucpr.br/reol/index.php/9CT?dd1=2763&dd99=pdf>

. Acesso em: 24 jun. 2016.

FELDMAN, Sérgio. A mulher na religião judaica (período bíblico: primeiro e segundo Templos). **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, RS, v. 5, n. 10, p. 251-272, jul./dez. 2006.

LIMA, Rita de Lourdes. O Imaginário Judáico-cristão e a Submissão das Mulheres. Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 : Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277853385_ARQUIVO_comunicoraltrabcompletoGenero.pdf. Acesso em: 24 jun. 2016.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. Há uma via para a Linguística fora do logicismo e do sociologismo? (p. 295 a 310) In: ORLANDI, Eni

Puccinelli. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. p. 295-310.

READ, Sara. Thy Righteous is but a menstrual clout: Sanitary Practices and Prejudice in Early Modern England. (p. 01 a 25). **Early Modern Women**. An Interdisciplinary Journal. Volume III, 2008. University of Maryland. Disponível em:
<<https://jps.library.utoronto.ca/index.php/emw/article/view/14757/11800>>
Acesso em: 24 jun. 2016.

Sites:

Terra Mulher

<<https://mulher.terra.com.br/menstruada-jovem-corre-maratona-sem-absorvente-em-protesto,462e48251b9bc13422388fb677d1ceedwmveRCRD.html>> Acesso em: 24 jun. 2016.

Cosmopolitan.com

<<http://www.cosmopolitan.com/health-fitness/q-and-a/a44392/free-bleeding-marathoner-kiran-gandhi/>>. Acesso em: 24 jun. 2016.